



# UMA VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA: PASSOS ALÉM DO COTIDIANO

A UNIVERSITY EXPERIENCE:  
STEPS BEYOND THE DAILY LIFE

Ilka Franco Ferrari<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto percorre trajetória em que se pondera a universidade como importante instituição no processo civilizatório, portanto impensável sem considerar o contexto da realidade social em que se insere. Nele há considerações acerca do valor dado ao discurso próprio do capitalismo, que transforma a todos em proletários e enfatiza a qualidade humana como aquela que é da ordem do contável. Localiza, no mundo acadêmico, o valor da autoridade epistêmica e do desejo de educar como vivificadores do processo que não desconhece movimentos de universalização e globalização apagando particularidades e singularidades, consequentemente, construindo segregações. O movimento de internacionalização é colocado na cena, com ponderações que o situam mais além de elevar números avaliativos, mas na ocorrência do que se pode chamar ensino verdadeiro. Vivências da autora são mencionadas como exemplo que, considera-se, podem ensinar. O campo teórico/prático em que a escrita se articula é psicanalítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade; Vivências de internacionalização; Psicanálise.

**ABSTRACT:** The text covers the path in which university is thought of as an important institution in the civilization process, therefore unthinkable without considering the context of social reality in which it is inserted. Within it there are considerations about the value given to the discourse inherent to capitalism, transforming everyone into proletarians and emphasizing the human quality as one which belongs to the counting order. It finds, within the academic world, the value of the epistemic authority and of the desire to educate as vital to the process which recognizes universalization and globalization movements deleting particularities and singularities, consequently, building segregations. The movement of internationalization is placed in the scene, with pondering thoughts which situate it even further beyond increasing the assessment numbers, but in the occurrence of what can be called real education. The author's experiences are mentioned as an example which can teach us, it is believed. The theoretical/practical field in which the writing is articulated is psychoanalytic.

**KEYWORDS:** University; Internationalization experiences; Psychoanalysis.

O propósito de escrever um texto, em revista que marca os 60 anos do curso de Psicologia da PUC Minas, fez com que no cenário do “Parabéns pra você” resultasse impossível ignorar algumas peculiaridades do aniversariante: o de um curso, em instituição universitária, em realidade social específica. Espaço no qual saber e ensino/transmissão são palavras chave, sustentados pela dimensão da verdade que deve dar o tom do rigoroso funcionamento científico, expresso em discurso universitário politicamente correto, sempre ordenado por meio do significante mestre em “*nome do qual falo*” (MILLER, 2005, p.60). Posição que supõe modos de vida locais, pensados globalmente e podendo cair no pecado mortal de encobrir a grande heterogeneidade da comunidade.

<sup>1</sup> Professora na graduação e pós-graduação em Psicologia da PUC Minas, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas Gerais, e da Associação Mundial de Psicanálise, Paris. Pesquisadora Bolsista de Produtividade em Pesquisa, CNPq, nível PQ-2. francoferrari@terra.com.br



Nesse compasso, entremeando estas reflexões surge, entretanto, o eco de uma das falas de Lacan (1969-1970/1992), que pode ser lida na seriedade da ironia. Nela ele afirma que a verdade está de fraldas numa cidade em que só habitam os seres de maior pureza, e que se é tentador sugar seu leite, não se deve ignorar que ele é tóxico e dá sono. Por isso mesmo, deve-se sempre cuidar para que as palavras, se as queremos subversivas, transformadoras, não grudem demais no caminho da verdade, de certa forma sempre mentirosa diante do impossível de tudo dizer. Ai! Que alívio!

O que aqui se escreve, portanto, resulta do que se pode chamar como certa ignorância fecunda, na particularidade de quem escreve, contando com pontos de incertezas existentes no que se diz. Isso, até mesmo porque se o escrito pretende transmitir saber, em psicanálise se aprende que o saber é homólogo ao gozo, portanto, está no registro do singular.

E nessa via da singularidade que reconhece a impureza do verdadeiro, o texto percorre ponderações acerca da universidade, em realidade que conta com a força da ciência e invenções tecnológicas levando a alterações nos agrupamentos sociais, ou seja, nas coletividades particulares, nelas introduzindo a universalização e, conseqüentemente, contribuindo para os processos segregatórios daqueles profissionais ou instituições que não entram no rol do esperado nas comunidades planetárias. Nesse sentido, nele serão feitas algumas pontuações sobre o movimento de internacionalização, muito exigente para se pontuar no circuito de avaliações constantes, e aqui considerado a partir do que se chamará de ensino verdadeiro. Vivências da autora serão trazidas como exemplo paradigmático do que se afirma e, assim sendo, de agora em diante o texto percorre estilo de escrita na primeira pessoa do singular.

### ***Instituição***

Considero que uma universidade, pensada em sentido mais amplo e sem desrespeitar suas particularidades, inegavelmente faz parte das instituições favorecedoras do processo civilizatório. Ela se insere no contexto de instituições reguladoras dos laços necessários para vivermos junto aos demais, por meio do que em psicanálise se conhece, em boas palavras, como violência simbólica. Violência que favorece a contenção da dimensão pulsional, por meio de conteúdos culturais, em ato de construção do civil, do sociável, do cidadão. Não sem razão se diz, portanto, que ela é comunidade de vidas.

Nesta posição, qualquer universidade se insere nas formas discursivas próprias da realidade social em que se constrói e sobrevive. E sempre estará às voltas com o que acontece entre o sujeito e o gozo, esse bem oposto ao bem-estar, e a tudo que não é educável. No caso

atual, entre os variados arranjos que ela tem que fazer, está seu rodeio naquilo que acontece com os sujeitos que vivem em forma de laços sociais considerados democráticos, portanto exigentes na arte de negociar, e no qual a lei pode ser questionada a qualquer momento, em império capitalista.

Esse sistema econômico, como se conhece, exige avaliação contínua para além do princípio do prazer e na imersão do gosto pela pulsão de morte: todos indivíduos na posição de objeto, *gadgets*, proletários, como afirmou Lacan não mais no caminho de Karl Marx, mas, seguindo ideias de Max Weber. Nele proliferam-se questionários avaliativos tornando o sujeito uma unidade contável e comparável, seguido o raciocínio de Miller (2003). As ponderações de Miller, neste sentido, encontram respaldo nos desenvolvimentos feitos por Robert Musil, escritor austríaco que compôs o grupo de grandes prosadores do século XX, juntamente com Franz Kafka, Marcel Proust e James Joyce. Quando Musil escreveu o livro “O homem sem qualidades”, originado de suas reflexões sobre o pensamento estatístico, afirmou que a este homem sem qualidades, próprio de nossa época, só lhe resta a qualidade de ser marcado com o Um, o que lhe permite entrar no mundo da quantidade, do contábil.

Sem qualidades está, portanto, o homem da acumulação do capital, da mercadoria, objetualizado e necessitando de constantes avaliações, principalmente numéricas, estatísticas, nas quais o Um se inclua e compare, na tentativa de controlar o que escapa e é incompatível, em realidade social cada vez mais segregadora. E a universidade, em sua vocação para acolher, ordenar e transmitir saber, tal como alguns a consideram, nascida da iniciativa do poder político da idade média, no século XII, pensada de forma mais genérica, tem mostrado quão forte são os valores dos critérios de medição, de contabilidade do mercado. E, respeitando a tendência atual para globalizar, como instituição ela tem ensinado o que nas instituições não mudou e até se acentuou na contemporaneidade: a importância dada ao sistema de regras, em mundo no qual o fazer científico se revestiu de enorme poder.

Nessa roda em que os valores humanos perdem para o valor do capital, em que o sujeito é uma cifra, curiosa e assustadoramente o que se vê é a necessidade, cada vez maior, de que operadores/administradores, gestores, educadores, etc, tenham pulso forte, a exemplo de pai severo que busca restaurar e manter a ordem, sem descanso, em práticas que podem ser lidas como novas formas de autoritarismo. Na contabilidade os avaliadores têm desconsiderado o gozo e o desejo, vertentes do real e, logicamente, a incidência de sofrimentos pouco vistos em outros tempos se escancara.

Vale a pena, portanto, refletir e colocar nos cálculos muito daquilo que se tem desconsiderado ou pouco valorado.

A fortíssima importância atribuída à internacionalização, nos meios acadêmicos atuais, quase sempre sob comando de palavra de ordem a serviço do cruel sistema avaliativo, não pode ser depreciada. Nesse movimento em que internacionalização também diz de números, muito de sua originalidade e real valor se perde. Nem tanto esforço é preciso, para aqueles que de fato circulam pelos espaços acadêmicos constatarem os exercícios “forçados” neste sentido, as “máscaras” que são feitas para se encaixarem no formato avaliativo, o uso de procedimentos nada científicos em nome da ciência, bem como a presença de arranjos mirabolantes variados para fazer cumprir as regras de exigências de mercado sempre muito competitivo.

O esforço de internacionalização, presente no meio acadêmico, tem sido constatado nas duas últimas décadas, como comprova a pesquisa de Milena Yumi Ramos (2018). Nela há a conclusão de que, no Brasil, considera-se que internacionalizar se justifica por favorecer maior impacto da pesquisa, aumento na produtividade dos pesquisadores, interação entre estudantes e inserção internacional dos docentes. Impactos positivos são também vistos “na ampliação do alcance do ensino/pesquisa e na expansão da base de conhecimentos nacional (por exemplo, com a introdução da dimensão internacional nas atividades curriculares e de pesquisa), bem como na melhoria da qualidade e reputação dos programas (RAMOS, 2018, p.13)”. Em nosso país, tal como a autora afirma, há uma “associação clara e positiva entre internacionalização e aprimoramento de qualidade/desempenho da pós-graduação, o que aparece no discurso e decisões de gestores públicos e líderes da ciência [...]”.

Esse movimento, vale lembrar, tem se ampliado nas preocupações dos gestores dos cursos de graduação, já que a potência das instituições, asseguradas pelos métodos de avaliação governamentais, está no fazer-se ver, reconhecer, criar interesses, produzir, globalizar... Globalizar, entre outros motivos, pela pressuposição de que a boa conexão com instituições de ensino, no exterior, favorece o aprimoramento de processo que não pode parar em nossas cadeias associativas internas, sejam elas realizadas na graduação, pós-graduação *stricto sensu* ou *lato sensu*.

Em meio a desânimos variáveis, muitas vezes na sensação de impotência, a vida está aí para mostrar, não obstante, que é possível não sucumbir ao puro exercício de ordenamentos travestidos de democráticos e a serviço do capital. Há possibilidade de ensino/transmissão verdadeiros, no sentido de conhecimento que desperta certa insistência entre os que escutam, na dimensão do desejo de saber (LACAN 1954-1955) que deve estar na base de qualquer passo internacional. Desejo que só é possível quando aquele que ensina/ transmite toma para si a ignorância como tal, em sua dimensão fecunda, o mesmo acontecendo com os que escutam a transmissão. Há essa possibilidade, dizendo de outra forma, quando o que comanda não é o

capital, mas a “autoridade epistêmica”, infelizmente em declínio na atualidade e criando dificuldades variadas no estabelecimento do “vínculo educativo” que favorece a mencionada violência simbólica, necessária ao exercício civilizatório. Tal vínculo supõe o que acontece com o agente, o saber e o sujeito (TIZIO 2003).

Ao agente, entre outras funções, como ator também causado pelo processo, lhe toca a causação do interesse pelo legado cultural, pelo patrimônio simbólico que traz consigo, mas, para estar nesta posição é necessário que aconteça algo distinto do “professorar”, algo distinto da relação eu/você que acontece centrado no outro, semelhante, inerente ao plano imaginário propício de tensionamentos e agressividade. A dimensão do agente é a do desejo de educar que jamais estará de acordo com a homogeneização, já que ela não apaga a particularidade do sujeito através de respostas estandardizadas (LACAN 1962-63/2005), e muito menos está no plano do bem-estar, da cumplicidade que uma amizade sugere. Supõe transferência que se dirige a um traço do educador que se constitui como signo de um desejo para que o educando produza trabalho, faça algo na interação entre os conteúdos culturais que lhe acompanha e o novo que se apresenta.

Pois muito bem, então como pensar o saber nesta dimensão? Aqui entra em questão a autoridade epistêmica, que não surge de imposição de regras, amabilidades, da força no tom de voz e muito menos da bondade que o educador expressa, ou de sua amizade com os alunos. Ela é outorgada, ou seja, só existe porque é reconhecida pelo Outro, quando o desejo do educador “trabalha a letra do texto para vivificá-la com sua enunciação e para criar uma ignorância nova (TIZIO, 2003, p. 174)”. Se a universidade oferece educação, isso não é suficiente. É preciso que o indivíduo consinta com ela, já que quando chega na universidade, ou em instituições que supõem “ser educado”, traz suas próprias marcas que favorecem ou obstaculizam o processo. E a experiência mostra que esse consentimento só acontece quando aquilo que se oferta entrelaça nas marcas que o indivíduo porta, velando-as, mas, também lhe permitindo dizer até onde está disposto a chegar, segundo sua modalidade de satisfação pulsional, na impossibilidade de tudo educar. Dessa forma, importa que o agente reconheça que faz parte do processo e que os traços que o caracterizam nesta função funcionam, para o aluno, como sinal de um desejo que o levará à renúncia de algumas satisfações imediatas, na direção de laços que o possibilitarão estar junto, na solidão que lhe é inerente.

### ***Uma vivência internacional***

Colocar a palavra vivência, neste subtítulo, faz parte da consideração de que viver é diferente de existir. É algo distinto porque, como ensina a psicanálise, viver supõe o existir recoberto pelas formas de laços sociais, ou seja, pela cultura, pela linguagem. Supõe modos de dar conta da dor de existir inerente à condição humana, de lidar com a vida nada tranquila para ser habitável. Assim sendo, seguindo o ritmo da canção que abriu o texto, agora é hora de dizer que “...nesta data querida...” é possível contar aos leitores um pouco de minha vida na internacionalização de informações, estruturada na dimensão da letra viva que supõe o desejo de educador, com a autoridade epistêmica que me tem sido outorgada e assegurada por vínculos educativos.

Nas formas de laços que tenho estabelecido, esticando as ideias para além do Brasil, encontram-se: pesquisas que contam com pesquisadores consultores de Barcelona, Argentina, Colômbia e França; promoção de atividades que contam com estrangeiros que aqui estiveram com verba de financiamento de pesquisas sob minha coordenação, a exemplo de participação em bancas de mestrado e doutorado em nosso Programa de Pós-graduação, aula/palestra na graduação e pós-graduação, conferência em Congresso organizado em nosso Programa de Pós. Há também participação em livro organizado por colega estrangeiro, em Grupo de Trabalho (GT) da ANPEPP, com colegas da França e América do Sul, entre outros eventos.

Nesse momento, no entanto, quero focar em minhas interlocuções com colegas espanhóis.

Faz tempo que a Espanha é país onde pouco se aborda a psicanálise em suas universidades. O que não significa que no país deixe de existir psicanalistas muito atuantes e reconhecidos mundo afora.

A experiência de realização de um doutorado ali foi curiosa, porque a aprovação veio sem a necessidade de entrevista alguma, em função de currículo apresentado, mas, a orientação foi condicionada a dois professores: um deles Maria Teresa Anguera, uma metodóloga reconhecida na Europa por seus trabalhos e publicações na área de metodologia da observação, dada a particularidade do projeto considerado por eles como inovador e com tema “delicado” para o tratamento de informações extraídas nos dois maiores hospitais da rede pública de Belo Horizonte, Hospital Galba Velloso e Instituto Raul Soares; o outro, professor Adolfo Jarne Esparcia, de uma área que não era muito clara naquele instante, mas conhecido e reconhecido como psicopatólogo, termo muito usado por lá, e aberto à interlocução com a psicanálise, algo raro.

O divertido, na atualidade é possível ler assim, foi que o trabalho de tese conseguiu desagradar metodólogos, ainda que todas as exigências feitas neste plano houvessem sido cumpridas (FERRARI, 2001), ou seja: o desenvolvimento empírico deveria basear-se na metodologia observacional segundo os trabalhos de Anguera (1991), considerando a Metodologia seletiva (Del Rincón; Arnal; Latore; Sans, 1995) e a Técnica de análise de conteúdo, nos moldes de Krippendorff (1980), bem como a de Formato de campo, desenvolvida também por Anguera (1991). Tudo completamente estrangeiro para alguém com formação em psicanálise... Alguns membros da banca consideraram que a formação em psicanálise prevaleceu na ordenação dos dados, ainda que ordenados sob criteriosa “Análise sequencial da conduta”, desenvolvida por meio do programa informático SDIS-GSEQ, desenvolvido por Roger Bakeman, professor da Universidade do Estado da Georgia, e Vicenç Quera, da Universidade de Barcelona. Ironicamente, mas, de forma precisa, é possível pensar que os inventores do método diziam, portanto, que os programas informáticos não superam o desejo de quem os opera... Nada mal!

Ele desagradou, também, a profissionais da área da psicanálise, presentes na banca, que consideraram haver metodologia demais na história, com tabelas, gráficos, uso de sistema informático...

O que resultou, resumidamente, desta vivência? Para mim a marca de que mesmo usando uma linguagem de exigência metodológica não especificamente psicanalítica, considerada “dura”, há possibilidade de análise em que a dimensão do sujeito seja considerada em meio a outros discursos, sem neles se dissolver. Para os dois orientadores, a consideração da potência para realização de trabalho sério, o que fez com que um deles, o psicopatólogo Adolfo Jarne me convidasse, posteriormente, para aulas compartilhadas em programa de pós-graduação, nível mestrado.

Vale dizer que o convite demorou a ser aceito, ainda que fosse algo do qual se envidescer. Durante três anos ele foi recusado, em função do temor do que poderia ocorrer diante de diferenças teórico/prática que existiam entre professor que convida e convidada. Nas ocasiões em que os convites aconteciam já estava mais que elucidado que este professor é partidário do sistema de classificação DSM, inclusive ajudando em sua construção e, assim, considere que compartilhar sala de aula com este professor poderia ser, no mínimo, delicado. Ademais, ponderei que era importante respeitar a estruturação de um currículo já em exercício, e que não faz parte da orientação psicanalítica a imposição do exercício da psicanálise na realidade social.

Diante da insistência em que o convite se fez, durante três anos consecutivos, ao final do qual houve claramente a intenção de que a psicanálise poderia ensinar algo que ali já não era dito, o convite foi aceito.

A proposta consistia em aulas onde a cada dia dois dos alunos (que vinham de diferentes partes da Espanha e até de outros países, falando seus idiomas de origem, valha-me Deus!) traziam suas experiências de atendimentos em serviços variados. Eles apresentavam o trabalho realizado constando das intervenções feitas, nelas aparecendo avaliações por testes, gráficos da composição familiar, bastante foco no orgânico das reações comportamentais e, se conseguissem, o diagnóstico segundo o DSM. Essas aulas não tinham o caráter de supervisão, como conhecemos aqui no Brasil, mas estavam muito cerca disto. Inicialmente o professor psicopatólogo tomava a palavra, fazia seus comentários, corrigia o que fosse necessário, confirmava ou não o diagnóstico. Caso não houvesse o diagnóstico estabelecido, ele o formulava. Posteriormente, me passava a palavra, com toda liberdade possível para trabalhar os casos. Em giro rápido o foco mudava, no cuidado para não deixar tontos aqueles que ouviam e discutiam. Agora havia o interesse pela história do paciente, por aquilo que ele dizia e escrevia, pela sutileza de detalhes, para além daquilo que ele apresentava ou se podia quantificar. Era sempre uma surpresa para todos, expressa nos olhos dos alunos, sem contar que cada dia mais se observava a preocupação que eles demonstravam em escutar... Escutar um texto no qual começavam a localizar como presença do inconsciente...

As aulas aconteciam à noite, na Universidade de Barcelona campus de Val de Hebron, sempre com temperaturas mais baixas que o centro da cidade. Ali chega a nevar. E surpreendia que não havia pressa dos alunos para voltarem a suas casas: em geral vários vinham até a professora para saber algo mais ou dizer de suas surpresas diante de um mundo de conhecimento que naquele país haviam retirado do circuito acadêmico... No último dia de aula, após meus agradecimentos por haver estado com eles, todos se levantaram para aplausos... Cena emocionante. Também emocionante foi receber a avaliação que fizeram, onde a melhor nota, entre todos os professores do curso, aparecia para uma professora/psicanalista, na contramão do que defendiam.

A marca se fez presente. Novos convites vieram para aulas, sempre apoiados pelo professor psicopatólogo, Adolfo Jarne, mas também aconteceu participação em pesquisa, com a professora Hebe Tízio, psicanalista da Escola Lacaniana de Psicanálise do Campo Freudiano, filiada à Associação Mundial de Psicanálise, tal como a Escola Brasileira de Psicanálise, a qual pertencio, e que estava no curso de Pedagogia.

O convite recebido em 2018, para execução em janeiro de 2019, também teve importância singular e tenho o maior carinho ao relatá-lo.

Na Espanha a prática da psicologia funciona de forma bem distinta desta que experienciamos no Brasil. Em artigo esclarecedor, Adolfo Jarne Esparcia, Ramón J. Vilalta Suárez, Mila Arch Marín, Joan Guardia Olmos e Alba Pérez González (2012) explicitam a situação e favorecem pensar o assunto, até porque fazem estudo comparativo entre diversos países europeus e Estados Unidos. De forma resumida pode-se dizer que ali consideram a existência de prática profissional clínica e não clínica. Entre as não clínicas estão, por exemplo, a psicologia forense, do esporte, das organizações e outras. A condição para praticá-las é ter diploma de licenciatura ou graduação em psicologia e estar inscrito no “Colégio Oficial de Psicólogos”, correspondente ao Conselho Brasileiro de Psicologia.

A prática de psicologia clínica tem regulamentação específica e se articula ao redor de dois títulos: Especialista em Psicologia Clínica, e Psicólogo Geral Sanitário.

O Psicólogo Especialista em Psicologia Clínica tem a consideração e a categoria equivalente a um especialista médico. Ele pode trabalhar na rede nacional de saúde e na rede privada, por contratação, ou em seu próprio consultório. O título é obtido depois de quatro anos de residência na rede pública de saúde mental, sob supervisão de psicólogos especialistas e, geralmente, com circulação por vários serviços, sendo pagos pelo estado. Para entrar no curso é preciso passar em seleção e conseguir estar classificado nos primeiros lugares, porque a demanda é grande e não há vaga para todos. Em geral são oferecidas 130 vagas para toda Espanha, a cada ano, e tem sido possível chegar a 30 candidatos por vaga. Para 2019 foram oferecidas 160 vagas.

Por outro lado, o Psicólogo Geral Sanitário é aquele que pode trabalhar com psicologia clínica no âmbito privado, por sua própria conta, ou no setor sanitário estabelecido pelo estado, realizando investigações, avaliações, prevenções e tratamento de aspectos que influenciam no aspecto geral da saúde, inclusive a mental, desde que tais atividades não exijam atenção de outros profissionais sanitários. O título exige mestrado oferecido pelas faculdades de psicologia, “Máster en Psicología General Sanitaria (PGS)”, composto por 90 créditos, entre os quais 30 são práticas em centros clínicos, depois da graduação de 4 anos.

Em 2017 o professor Adolfo Jarne já era coordenador do Máster em Psicologia General Sanitaria, oferecido pela Universidade de Barcelona. Em 2018 decidiu fazer proposta de que nele fosse oferecido um “Seminário de Introdução à clínica psicanalítica de orientação Lacaniana”, na forma de disciplina optativa. Nessa situação, curiosa e surpreendentemente, somente seriam acrescentadas horas para os que se interessassem, já que toda grade estava

estruturada. Decisão muito surpreendente tanto no meio acadêmico por onde circulam as diretrizes da formação espanhola, como no meio psicanalítico da cidade. Entre os 140 alunos matriculados neste mestrado, praticamente obrigatório para o exercício da profissão, apareceram dezoito interessados, em aulas que iniciavam às 19h, finalizando às 21h, em frio intenso, depois de estarem em jornada de trabalho desde as 14h. Surpresa geral! Seminário confirmado! Correria para prepará-lo ao final de ano e sem ter ideia dos alunos que se inscreveram. De onde eram? Espanhóis? América Latina? América do norte? Outras partes da Europa? Sabiam algo de psicanálise? Quanto sabiam acerca de Freud para que Lacan entrasse na conversa? Algumas destas perguntas só foram respondidas uma semana antes das aulas começarem. E o curso, óbvio, não podia esperar em sua preparação. Se alguma ajuda divina podia ser demandada, aí ela se fazia presente.

Cronograma e Plano de curso foram enviados aos inscritos, com antecedência necessária, mas, a apreensão era total e a responsabilidade de ser agente de transmissão da psicanálise, em ambiente hostil a ela, pesava. O resultado, como em outras ocasiões, aliviou todo peso e mostrou que se a psicanálise não tem sendo dita na universidade daquele espaço institucional, ela existe no desejo de alguns e é preciso que os profissionais daquele país considerem tal situação. Alguns contatos já foram feitos, com colegas de instituições psicanalíticas, objetivando pensar com mais afinco o assunto.

Em meio ao processo que implicava este convite, e aproveitando minha presença naquela cidade, no início de 2019, em 2018 surgiu nova proposta de trabalho, agora no mestrado “Actuación clínica en psicoanálisis y psicopatología”, que também acontece na Universidade de Barcelona, coordenado por Héctor García de Frutos, um psicanalista da Escola Lacaniana de Psicanálise do Campo Freudiano, sede Barcelona. Neste caso, trata-se de mestrado que está no grupo de pós-graduações que na Espanha se denomina “Títulos próprios”. Elas nascem de iniciativa privada, em geral de um grupo de professores de uma universidade, que apresentam o projeto à instituição e, se ele se interessa os avaliza, mas, tais cursos não passam pela avaliação das agências de controle estatal e não compõem a formação oficial da universidade. Neste caso, a proposta era a realização de uma conferência de abertura do curso, acerca do tema automutilações, e que gerou um artigo a ser publicado.

O mais inovador, no entanto, neste janeiro de 2019, ainda estava por vir. E veio através de alunos de uma colega, Carla Arasa, que trabalha no nível de ensino que no Brasil se equivale ao ensino médio. Seus alunos haviam elegido a psicologia como disciplina optativa, ficaram sabendo de minha presença na cidade, buscaram meu currículo na internet e oficializaram o pedido para que eu fosse até eles, para conversar sobre psicanálise e psicopatologia...

Eles são alunos de um Centro Educativo que se encontra no bairro Raval, um dos bairros mais multiculturais da cidade, com a grande maioria de moradores sendo imigrantes, principalmente indianos, paquistaneses, marroquinos, mas a quantidade de chineses fez que com que ele até fosse ele conhecido como “Barrio chino”. Em meio a tantos de seus indiscutíveis encantos, o bairro ganhou a fama de pobre e até perigoso. Os alunos deste Centro são mesmo de origem estrangeira, maioritariamente provenientes da Ásia. Todos muito jovens, alguns com marcados problemas familiares e dificuldades pessoais. A palestra/aula/conversa voltou a acontecer também na semana seguinte, em função do interesse dos alunos e meu, muito sensibilizada com todo o processo e agradecida à colega que me propiciou este momento de vida. Nos dois dias a conversa contou com a presença de alunos de outras turmas, e de dois professores de outras disciplinas e ano de curso, curiosos acerca da psicanálise, respeitosos, ouvintes cuidadosos e críticos.

E aí, continuando a composição das notas musicais do “Parabéns pra você”, e seguindo o ritmo, agora no ponto em que se diz “...nesta data, querida, ...”, considero também importante ressaltar Lacan, no Seminário que aconteceu em 1954-1955, conhecido como “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”. Ali ele enfatiza que aquilo que é da ordem do ensino é algo bastante problemático, pois, não basta sua oferta, onde quer que seja. O que importa é que daquilo que se oferece seja extraído saber, já que nem todo ensino é transmissão de saber. E mais adiante, em “Alocução sobre o ensino” (1970/2003), está sua importante e atual consideração de que o ensino pode ser uma barreira ao saber, homólogo ao gozo, a uma satisfação irreduzível, mais além do princípio do prazer... Considerações valiosas para quem se dispõe a estar nestas funções.

### ***Muitas felicidades...***

Para finalizar, continuando o cantarolar, digo que “...muitas felicidades, muitos anos de vida” são meus desejos, para todos que compomos esta comunidade de vida, cada qual fazendo o que lhe compete, da forma como lhe tem sido possível, no plano individual e institucional.

Em meus desejos de vida longa, a assinatura conta com o amor que tem sustentado anos e anos de trabalho, na esperança de que este espaço institucional, ainda que imerso em realidade social com vocação para o contábil, para os números que formam grupos de eleitos ou segregados, continue possibilitador do zelo pelo desejo de educar. Zelo que não ignora a existência de movimento de homogeneização e do processo de globalização, mas consegue

driblá-lo, no respeito pelas particularidades que supõe o desejo do educador trabalhando a letra do texto para vivificá-la e criar ignorância nova e fecunda.

## REFERÊNCIAS

- ANGUERA, Maria Teresa. Proceso de categorización. Em: ANGUERA, M. T. (Ed.), *Metodología observacional en la investigación psicológica*. Barcelona: PPU, 1991, v. 1, pp. 115-167.
- DEL RINCON, Delio.; ARNAL, Justo.; LATORRE, Antonio. *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Dykinson, 1995.
- ESPARCIA, Adolfo Jarne et al. Especialidades y acreditaciones en psicología. *Papeles del Psicólogo*, v. 33(2), pp. 90-100, 2012. Disponível em: <http://www.cop.es/papeles>. Acesso em: 14/02/2019.
- FERRARI, Ilka Franco. *Urgencia psiquiátrica: el practicante de psicoanálisis y el ingreso de sujeto*, 2001. 189 f. Tese (doctorado) – Universidad de Barcelona, Facultad de Psicología, Departamento de Personalidad, Evaluación y Tratamientos Psicológicos. Barcelona.
- KRIPPENDORF, Klaus. *Content analysis: An introduction to its methodology*. Beverly Hills: Sage, 1980.
- LACAN, Jacques. Perguntas àquele que ensina. Em: LACAN, Jacques. *Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, pp. 259-277. (Texto originalmente publicado em 1954-1955).
- LACAN, Jacques. O poder dos impossíveis. Em: LACAN, Jacques. *Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 172-186. (Texto originalmente publicado em 1969-1970).
- LACAN, Jacques. Alocução sobre o ensino. Em: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 302-310. (Texto originalmente publicado em 1970).
- LACAN, Jacques. *O Seminário. livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (Original publicado em 1962-1963).
- MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- MILLER, Jacques-Alain. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização de pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismo. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 44, e161579, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2017nahead/1517-9702-ep-S1517-9702201706161579.pdf>.
- TIZIO, Hebe. La posición de los profesionales en los aparatos de gestión del síntoma. Em: TIZIO Hebe. *Reinventar el vínculo educativo: aportaciones de la Pedagogía Social y del Psicoanálisis*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003, pp. 165-184.

TIZIO, Hebe. “Saber ler, aprender a ler”, apresentado na Universidad de Deusto en la Conferencia organizada por el SCF de Bilbao. 14.10.05. Publicado en la web de la SCB [www.scb-icf.net](http://www.scb-icf.net). Publicado en la Revista Norte de Salud Mental. Bilbao. España.